

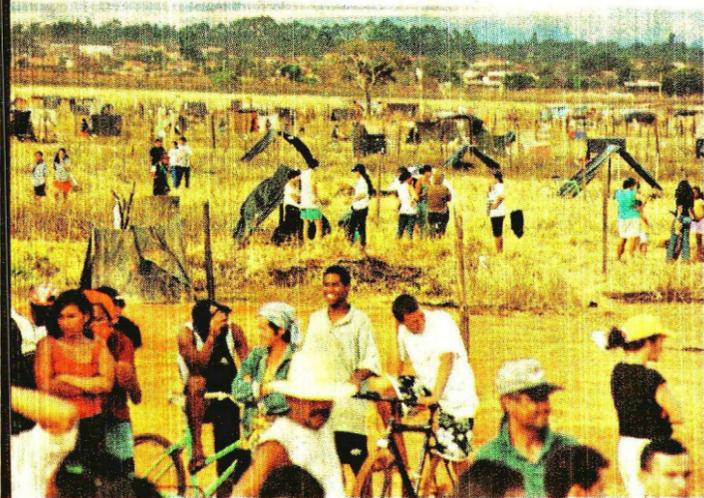
OCUPAÇÃO DE TERRAS

Enquanto esperam a prometida legalização, os invasores do condomínio Itapuã fincam raízes e comemoram conquistas. Linhas de ônibus, coleta de lixo e fornecimento de água são alguns dos serviços já oferecidos

Distrito Federal - Lago Paranoá

Julho de 2001

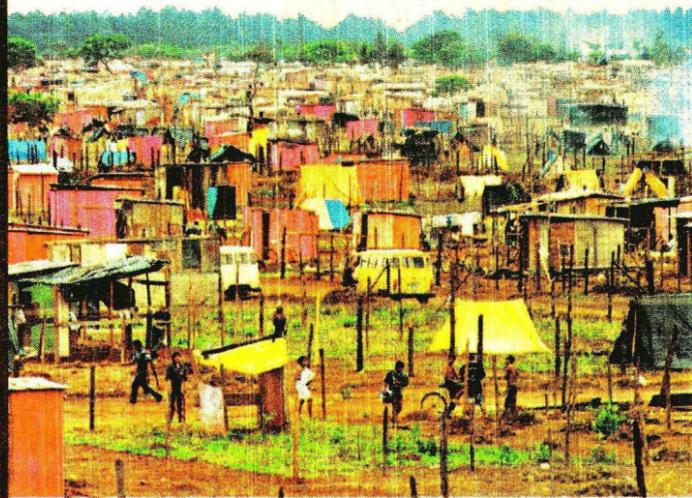
Jefferson Rudy 17.07.01



INVASORES OCUPAM ÁREA ENTRE PARANOÁ E SOBRADINHO: 600 BARRACOS

Outubro de 2001

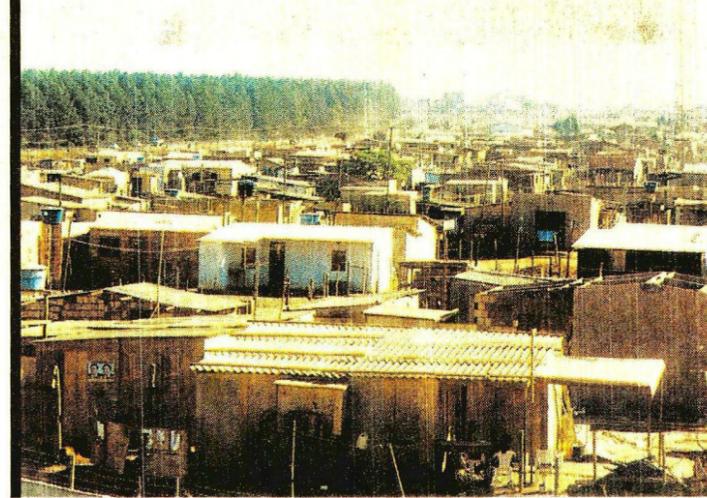
Antonio Siqueira 01.10.01



AS LONAS DERAM LUGAR ÀS CONSTRUÇÕES DE MADEIRITE: FORTALECIMENTO

Agosto de 2002

Antônio Siqueira 09.08.02



A INVASÃO SE CONSOLIDOU EM UM ANO: 20 MIL PESSOAS E CASAS DE ALVENARIA

A cidade que veio do pó

Dante Accioly

Da equipe do Correio

Uma porção de gente cercada de poeira vermelha por todos os lados. Esta é Itapuã. A invasão que começou em julho do ano passado com casebres de madeira e barracões de lona ganha agora contornos de cidade. Os primeiros comércios, as três linhas de ônibus, o caminhão do lixo. Os poços artesianos, as fossas cavadas a céu aberto, as casas em construção. Em cima da terra seca que se agita em redemoinhos, há 20 mil invasores. Gente que se aproveita da lentidão da Justiça e das vistas grossas do Governo do Distrito Federal para transformar em cidade 150 hectares que há um ano não passavam de abandono.

A disputa judicial sobre a terra alongou os dias naquele pedaço de chão. Da primeira cerca cortada, até a promessa do governador Joaquim Roriz de que transformará a invasão do Itapuã em cidade, pouco mais de um ano se passou. O discurso foi feito no final do mês passado, em campanha no Paranoá pela sua reeleição. Os invasores se encheram de certezas. Bandeiras com propagandas políticas brotaram de portas e janelas.

Itapuã segue os passos da favela da Estrutural — legalizada pela Câmara Legislativa no ano passado por iniciativa do deputado José Edmar (PMDB). Ele também apadrinha Itapuã, com a diferença de que ali os barracos de lona se multiplicaram com muito mais rapidez e sob a tutela do poder público. De acordo com o processo judicial que corre na 2ª Vara Federal pela posse da área, desde o primeiro barraco erguido na invasão, a população do lugar cresceu 30 vezes. No início, eles eram apenas 600 habitantes alojados em cabanas.

Em questão de semanas, as lonas foram substituídas por placas de madeirite. Tentativas de desocupação colocaram abaixo algumas delas. Mas as liminares

judiciais conquistadas pelos advogados dos invasores sempre no dia seguinte ou às vésperas das ações de retirada foram como cimento. Ajudaram a erguer casas de alvenaria e a perfilar tijolos.

São dez os depósitos de material de construção em Itapuã. Um bom negócio. A quantidade de lojas é um termômetro de um crescimento desenfreado da população local — quase 20 mil pessoas. E haja casa para tanta gente. Cada depósito vende em média 2 milheiros de tijolo, 60 sacas de cimento e um caminhão de areia lavada por semana. Somados os dez depósitos, é negociado em Itapuã material suficiente para erguer mais de 80 novas casas por mês. “Antes a gente vendia muita madeirite porque o pessoal tinha medo de ser expulso. Mas agora todo mundo constrói é com tijolo e cimento mesmo. Não tem mais quem tire a gente daqui”, explica Elda Soares, comerciante de 22 anos e dona de um modesto depósito na invasão.

Depois de enfrentar zunido de tiros à noite, matar cobras no cerrado e comer feijão com gosto de pó, os moradores do Itapuã sentem como se tivessem passado pelo batismo de toda a invasão. Entre eles, há consenso que ter um chão para morar não é ganho fácil. Haja insistência contra polícia, contra oficial de Justiça, contra gente que se diz proprietária.

Muitos entre os invasores esperam há dez anos pela implantação da Expansão do Paranoá — projetada numa área conhecida como Floresta dos Pinheiros. Em setembro do ano passado, as obras foram embargadas sob risco de dano ambiental. O resultado foi uma onda de invasões, não só de quem queria a alforria do aluguel, como de aproveitadores. Não demorou para o comércio informal de lotes começar.

RUAS ANÔNIMAS

Apesar dos ares de cidade, Itapuã não nega sua origem de invasão. A via principal é a única que tem nome: avenida Comercial. As outras são pagãs, inominadas. Anônimas trilhas rasgadas no cerrado. A dona-de-casa Alessandra Dias Souza tem 27 anos, três filhos e marido. Tem também uma casa sem endereço na invasão. “Quando alguém vem me visitar, peço para me esperar na entrada do condomínio. Não dá para explicar onde eu moro com uma rua que não tem nome.”

Alguns moradores até tentaram pôr

O QUE É ITAPUÃ

20 MIL PESSOAS

é o número estimado de moradores da invasão, formada por quatro áreas, que somam 150 hectares.

30 VEZES

é o quanto aumentou o número de invasores em um ano de ocupação irregular.

10 DEPÓSITOS DE CONSTRUÇÃO

estão espalhados pela invasão. Os produtos vendidos dariam para construir 80 casas por mês.

3 ORELHÕES

existem no Itapuã, mas a Telebrasil já tem um plano de instalação de linhas.

3 LINHAS DE ÔNIBUS

servem aos moradores.

A CADA 3 DIAS

a coleta de lixo é feita no local.

ordem à confusão. Pintaram na porta de casa endereços arbitrários, fictícios. Tem a rua Primeira, a Segunda, a Terceira e por aí vai. Mas quem precisou se valer do endereço de mentirinha não teve sucesso. “Tentei mandar carta para uma amiga que mora na oitava rua, só de brincadeira. Nunca chegou”, conta Maria das Mercedes Aparício. Ela mora na invasão há oito meses.

A Avenida Comercial tem cinco quilômetros de terra que começaram a ser delimitados com cascalho. A Administração do Paranoá calculou em 900 caminhões a carga necessária para diminuir o pó na invasão. Até a semana passada, apenas 100 deles haviam sido levados ao local.

Uma tímida rede de profissionais liberais serve os moradores. São eletricitas, carpinteiros, pintores, pedreiros, mecânicos, desentupidores de fogão à gás e técnicos em bicicletas que anunciam seus serviços em plaquetas pintadas à mão e espalhadas por toda a lugar.

Poucos comerciantes começam a fincar raízes. Há botequins, mercearias, frigoríficos, armazéns, bares e até sinucas abertas 24 horas. Lugares de carestia. A lata de óleo que custa R\$ 1,20 no Paranoá é vendida em Itapuã por R\$ 1,50. O refrigerante de dois litros negociado por R\$ 1,70 lá fora, custa R\$ 2,30 nas bodegas da invasão. A garrafa de cerveja vendida por R\$ 1,80 em qualquer lugar não sai por menos de R\$ 2,30.

PATRULHAS MÓVEIS

Porque não devia estar ali, Itapuã também não é tratada pela polícia como um lugar digno de segurança. O tráfico de drogas se espalhou pelas ruas à noite, acobertado pela escuridão e falta de policiamento. Acertos de con-

tas por causa de rixas entre os marginais já deixaram corpos no chão de terra, ainda que o delegado-titular da 9ª Delegacia de Polícia (Paranoá), Bartolomeu de Araújo, não confirme a existência de gangues na invasão.

Quem se sujeita a morar num barraco de madeirite, pouco tem de valor, mas nem por isso é poupado pelos bandidos. Quase todos os invasores têm histórias para contar de roubos à mão armada em comércios e residências, estupros, assaltos nas vias. Uma pesquisa da Universidade de Brasília (UnB), divulgada na semana passada, apontou o Paranoá como líder de homicídios entre as cidades do DF.

Neste ano, 12 assassinatos aconteceram na área da 9ª DP. Em 2001, foram 25 — 30,5% a menos que o total registrado em 2000. Conforme o major José Carlos Neves Ribeiro, comandante da 10ª Companhia de Polícia Militar Independente, a invasão do Itapuã participa com 20% do total de registros policiais. Ele acredita que a maneira como se formou o assentamento irregular — entre tentativas violentas de retiradas — colaborou com a falta de confiança dos moradores na PM.

“Tivemos confrontos e as pessoas não esquecem isso. Várias vezes nossas viaturas foram depredadas e encontramos bloqueios nas ruas”, conta o comandante, que está no posto há pouco mais de um mês. Agora, com a invasão consolidada, o major decidiu implantar patrulhas móveis no Itapuã durante a manhã e a tarde. O trabalho é feito há duas semanas com três carros e nove dos 39 policiais que servem na Companhia a cada turno.

COLABORARAM SHEILA MESSERSCHMIDT E RENATO ALVES